

ECOS AMAZÔNICOS: A dimensão folkcomunicação do Festival Paytunaré¹

José Otávio Barros da Silva²

Lawrenberg Advíncula da Silva³

Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Tangará da Serra-MT

RESUMO

O presente trabalho busca verificar em que medida o Festival cultural e folclórico Paytunaré da pequena cidade de Monte Alegre, Pará, apresenta potencialidades comunicativas, a partir da intersecção entre práticas de cidadania, saberes populares e subjetividades midiáticas. Para isso, parte-se, por recorte: a experiência cultural dos estudantes da Escola Estadual Prefeito Carim Melém Escola Estadual com o festival Paytunaré, na dimensão de um processo de transferência de saberes, informações e protagonismos. À luz da teoria folkcomunicacional, a ênfase do trabalho reside na compreensão da dimensão comunicativa desse evento, considerando as práticas festivas dentro de um certo ativismo. O que vai demandar como método um estudo empírico, em um caráter mais etnográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Espetáculo; Festival Paytunaré; Saberes Amazônicos.

Introdução

Historicamente falando, antes de receber o nome de Monte Alegre, essa região ainda considerada semirrural da geografia brasileira era conhecida por aldeia Gurupatuba (nome indígena da língua Tupi e que faz referência aos povos que viviam nessa porção de terra). No desenvolvimento da catequese, no início da colonização portuguesa no estado do Pará, por volta de 1615, foi entregue aos religiosos da Piedade grande parte das terras da margem esquerda do rio Amazonas, para fundação de missões e reduções de indígenas. Posteriormente, as terras seriam transferidas aos padres da Companhia de Jesus, por meio de uma Carta Régia (COSME, 2015).

Monte Alegre somente foi elevada à categoria de município em 15 de março de 1880. A pequena cidade está localizada ao Oeste paraense, mais exatamente a 622 km

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT10 - Folkcomunicação e Comunicação Intercultural, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Estudante do Segundo Período do Curso de Jornalismo da Unemat. E-mail: jose.silva06b@unemat.br

³ Orientador e Professor-adjunto do Curso de Jornalismo da Unemat. E-mail: lawrenberg@unemat.br

da capital Belém e próxima de cidades como Santarém, onde o turismo de praias fluviais é um dos pontos altos do turismo emergente na região e da ideia de globalização de espetáculo como sinônimo de modernização das relações do trabalho. Com muitas belezas naturais e reconhecida pela hospitalidade do seu povo, o montealegrense, a cidade atualmente possui uma população de 63 mil habitantes (IBGE, 2024), com uma paisagem cultural onde prevalece pinturas rupestres e vestígios de cerâmica dos ancestrais que viveram na região, há pelo menos mais de 12 mil anos atrás.

Neste cenário de pequena cidade amazônica, é realizado anualmente o Festival Cultural e Folclórico Paytunaré pela Escola Estadual Prefeito Carim Melém desde o ano de 2003. Trata-se de um evento com danças regionais, encenação, reproduções em maquetes, com o objetivo de valorizar a cultura e as manifestações culturais amazônicas. Além disso, neste evento, também há a socialização de ações e informações no formato de workshop, com banneres, folderes, documentários, livretos de histórias, exposição fotográfica, vídeos curtos e entrevistas gravadas. Assim como um esforço local na manutenção das identidades coletivas e das tradições, mas também de atualização das relações socioculturais de uma amplitude maior que envolve os circuitos mais globais de eventos e entretenimento na contemporaneidade.

No presente trabalho, ao eleger o Festival Cultural e Folclórico Paytunaré como fenômeno folkcomunional, pretende-se abordar em que medida os imaginários monte-alegrenses se atualizam nas práticas festivas desse evento, na articulação entre o festivo com a manutenção das tradições populares e o compromisso com o desenvolvimento local. Em especial, quando tais condições de atualização cultural passam a constituir, do ponto de vista da teoria da Folkcomunicação de Luiz Beltrão, formas de protagonismo mais comunitário, contra-hegemônico e transformador.

Festival Cultural e Folclórico Paytunaré: impactos sociais e (folk)mediáticos

Conforme o escritor Arenildo Silva (2011), o termo Paytynaré é “um personagem de uma conhecida lenda na região, a lenda do Paytuna”. Nesta narrativa,

a região era habitada por um grupo de icamiabas (mulheres guerreiras) lideradas por um único homem, Paytuna. As crianças do sexo

masculino deveriam ser mortas. Deste modo, quando nasce Paytunaré, uma criança doente. Sua mãe, por pena, resolve escondê-lo para que não fosse assassinado. Ela cuida de seus ferimentos e Paytunaré cresce um jovem forte e afeiçoado. Seu esconderijo era dentro do lago. Este aparecia somente quando a sua mãe o chamava. As mulheres descobriram Paytunaré e se apaixonaram por ele, desprezando o Paytuna. Paytuna, enciumado, produz uma malhadeira com os cabelos de algumas mulheres, captura Paytunaré e o mata. (SILVA, 2011)

A descrição do termo constitui aqui um ponto de partida, a fim de compreendermos o lugar do Festival Folclórico Paytunaré e sua capilaridade no âmbito dos imaginários locais do povo amazônico e mais especificamente monte-alegrense. Criado pela Escola Estadual Prefeito Carim Melém, o Festival está em sua 19ª. Edição, pois em alguns anos, não aconteceu, articulando uma rede complexa de ritualizações culturais, principalmente no espaço mais aberto da inter-relação entre a comunidade escolar e a sociedade. Um dos fatores preponderantes do festival são notados nos resultados das pesquisas de campo que são socializados entre a comunidade escolar e a sociedade, mediante a construção de maquetes para a representação de forma tridimensional de toda área do Parque Estadual Monte Alegre (PEMA) durante o evento. Outros recursos como banner, material audiovisual e vídeos produzidos pelos estudantes são expostos.



Figura 1 - Crédito: Arquivo da Escola Estadual Prefeito Carim Melém

Cabe aqui destacar que cada vez mais as edições do festival vêm ganhando repercussão midiática, assim como traço de um processo de espetacularização da cultura popular e da experiência festiva do local. Em 2015, por exemplo, durante a preparação para o 10ª Festival Folclórico Paytunaré, um dos eventos promovidos pelo projeto, houve uma reportagem sobre a programação desse evento, com relato de um estudante. Na ocasião, a reportagem foi realizada pela equipe da TV Tapajós, afiliada da Rede Globo de Comunicação, que entrevistou o estudante e participante do projeto Pedro Xavier, que representaria o Pajé pela quinta vez consecutiva.

Conforme Guy Debord (2008, p. 14), tal espetacularização reflete uma mercantilização da vida, “quando o espetáculo em si se introduz como “uma relação social de pessoas, mediada por imagens”. Trata-se de uma definição bastante recorrente no meio acadêmico, sobretudo entre estudiosos com uma postura de viés marxista. Neste processo de espetacularização, a estética da mercadoria passa a intervir cada vez mais nos processos de organização e relações socioeconômicas da festa, quando, submetido ao espetáculo, o festival passa a adquirir o status de uma mercadoria que passa a ocupar totalmente a vida social (DEBORD, 2008, p. 32).

No Festival Folclórico Paytunaré, geralmente é realizada a escolha de personagens que farão a representação do Pajé, da Guerreira Diauí, Mãe Natureza e Rainha do Festival. Todos eles devem ser estudantes que estão na instituição ou que já passaram por ela, de maneira a dar visibilidade aos talentos da escola. Além desses personagens, tem ainda o cantor oficial e o apresentador, que são convidados pela equipe de coordenação da escola que buscam trazer pessoas envolvidas com festivais folclóricos na região norte, como festival dos Bois em Parintins/AM e das tribos em Juruti/PA, entre outros.



Figura 2 - Crédito: Acervo do Festival Paytunaré

Festival Paytunaré: uma abordagem em folkcomunicação

A partir dos estudos de folkcomunicação, particularmente na tabela taxionômica, originalmente criada por Luiz Beltrão (1980) e depois inteirado pelo professor José Marques Melo (2008), com base na observação dos fenômenos da comunicação popular, o Festival Paytunaré é categorizado como folguedo, constituindo-se um exemplo de folkcomunicação cinética. Ao referir termo folguedo, verifica-se: manifestação folclórica que possui letra, música, coreografia e representação teatral.

Segundo o professor Lawrenberg Silva (2015), às festas populares apresentam um caráter comunicativo bastante irreverente, a partir da conjugação de estilos e modos de presença na urbanidade que contrastam com as dinâmicas societárias do capitalismo histórico. Mais do que espaço de diversão lúdica, as festas e festivais carecem de uma interpretação mais ampla de sua capacidade de mediação política de valores de mundo, algo que para a antropóloga brasileira Rita Amaral (ela (2008, p. 8), justifica o porquê muitas das “nossas festas são capazes de estabelecer mediação entre a utopia e a ação transformadora, pois através da vontade da realização da festa muitos grupos se organizam, em nível local, chegando até mesmo a crescer política e economicamente, mesmo que em modo local.”

Trazendo mais para o campo da Folkcomunicação, a partir dessa interpretação é possível atribuir um certo ativismo aos estudantes que promovem anualmente o Festival Paytunaré, quando o espaço festivo se torna uma paisagem de afirmação e fortalecimento da cultura local, em contraste com as forças hegemônicas e externas que pretendem transformar em mercadoria de um espetáculo de escala cada vez mais global. Deste modo, assim como os agentes folkcomunicadores vão se caracterizar pela sua interlocução entre as culturas populares e de massa, a hipótese é que as práticas culturais desenvolvidas no interior da festa apresentem uma dimensão de interlocução entre uma cultura mais específica para outra mais abrangente, quando esses passam a adotar diferentes técnicas de mediação/promoção de ideias e valores do mundo.

Numa definição clássica de Folkcomunicação, na medida que o popular passa desde sua origem na década de 1950, sempre se apresentou na contramão da escola funcionalista dos estudos em Comunicação, ao privilegiar os grupos marginalizados (BELTRÃO, 1980). Trata-se de uma teoria genuinamente brasileira, elaborada enquanto disciplina acadêmica na junção dos estudos na área de folclore, história cultural, sociologia e economia popular e comunicação popular. O que demonstra, por meio de seu leque extenso de objetos, a urgência de suas proposituras no entendimento da realidade brasileira. Porém, é em Luiz Beltrão, pai e fundador da folkcomunicação, que encontraremos uma definição mais abrangente.

De acordo com ele, a folkcomunicação apresenta-se como:

um processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social. (BELTRÃO apud FERNANDES, MELO, 2013, p.110)

Nessa perspectiva, o raciocínio de Beltrão a partir das especificidades do Festival Paytunaré, podemos identificar o processo de intercâmbio de mensagens nas formas de divulgação do festival cultural, vista desde das maquetes, trabalhos audiovisual, banner, faixas, indumentárias dos personagens e do corpo coreográfico, à decoração da quadra escolar, abadá do festival, cantos e músicas, portanto, responsável pela transmissão das informações e a garantia da sociabilidade.

Durante a preparação do Festival Paytunaré, que geralmente acontece num sábado, os estudantes semanas antes constroem os cenários e as decorações que serão utilizados durante os rituais indígenas e nos espaços que receberam a torcida e as famílias que prestigiaram o espetáculo. Tais elementos constituem mecanismos de divulgação do evento para as mais variadas camadas sociais e a partir de um formato considerado rudimentar, quando comparado a trabalhos publicitários de grandes metrópoles. Todavia, exercem eficientemente a sua comunicação, da mesma forma que o ex-voto, os livrinhos de cordel, o letreiro no muro precário; enfim, nos demais processos folkcomunicativos.



Figura 3 - Crédito: Arquivo pessoal do Colégio de Ensino Médio Prefeito Carim

Com o passar dos anos, o Festival uniu-se ao processo de modernização cultural, inicialmente, pela adoção de técnicas dos segmentos diretamente envolvidos em sua organização, o que implica numa valorização da mão-de-obra da região. Ao passo de contar com serviços de sonoplastia e iluminação. Posteriormente, implementando serviços de design visual para divulgação do evento, sendo: teaser oficial do tema, cartaz, abadá oficial e entre outros subsídios.



Figura 4 e 5 - Créditos: Acervo do Festival Paytunaré

Considerações Finais

Além de destacar o protagonismo dos estudantes de uma pequena escola estadual do interior do Pará, o presente trabalho visa catalogar mais um exemplo em que o festivo se torna ferramenta de transformação social, a partir de uma dimensão (folk) comunicativa. Nesta leitura, o espaço festivo se torna canal folkcomunicativo, que se articula e se tensiona como uma paisagem cultural de transformação a partir da interlocução ativista de estudantes como agentes folkcomunicadores para a população que se apresenta como Audiência Folk. Trata-se de um circuito de atualização cultural atravessado de intermitências, ruídos e interdições, quando no movimento desses agentes se discute desde variáveis políticas, econômicas, culturais, ambientais.

Do mesmo modo, é importante destacar o espaço escolar como protagonista nos processos de mediação cultural no cenário de muitas pequenas cidades brasileiras que buscam se conectar em redes mais amplas da cultura como espetáculo e recurso simbólico de sobrevivência. Uma perspectiva que permite inserir a escola como um lugar potente nos estudos de comunicação popular e intercultural, bem como seus estudantes na condição emergente de ativismo comunicativo (TRIGUEIRO, 2008).

Evidentemente que as práticas folkcomunicativas ainda se apresentam numa condição mais pontual quando comparamos com os estudos da dimensão simbólica de eventos como o Festival Folclórico de Parintins, quando o imaginário amazônico e o capitalismo do espetáculo aparentemente travam uma aliança, sobretudo quando os boi-bumbás Garantido e Caprichoso passam a figurar como personagens mais próximos da cultura de massa do que da constelação de mitos e lendas da Amazônia brasileira. Por outro lado, elas não deixam de ser sintomáticas, tanto da superação da convencional dicotomia entre tradição e modernidade, quanto da necessidade de tratarmos certas práticas e ritualísticas com olhares menos canônicos. Senão mais próximo do que o pensador colombiano Omar Rincón categoriza como cultura bastarda, isto é, pensar essas práticas em suas hibridações, ramificações, margens e principalmente “impurezas”. Popular local, mas também global turístico; folclórico, mas também atrativo igual um produto ou vitrine de um povo que busca novas formas de sobrevivência.

Referências

BARBEIRO, Jesus-Martin. Dos meios às mediações. 2. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2006.

COSME, João Santos Ramalho. **Quadros da emigração portuguesa para o Pará (Brasil): 1886-1900**. População e Sociedade, Porto, n. 24, p. 75-92, dez. 2015

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. - 1. Ed. I3.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.323p.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 10. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação & ativismo midiático**. Paraíba: Editora Universitária da UFPB, 2008.

G1 SANTARÉM, 10ª edição do 'Paytunaré Festival' é neste sábado em Monte Alegre, PA.12/12/2015.<https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2015/12/10-edicao-do-paytunare-festival-e-neste-sabado-em-monte-alegre-pa.html>

RINCÓN, Omar. **O popular na comunicação: culturas bastardas + cidadanias celebrities**. Revista ECO/UFRJ. V. 19. N. 3. 2016, p. 27-49.

SILVA, Arenildo. **Monte Alegre: cidade pinta-cuia!** Arenildo Silva. Ilustração de André L.c. Fortes. Belém: Paka-Tatu. 2011.

SILVA, Lawrenberg Advíncula. Cavahada de Poconé-MT: Tradição Medieval, Folkcomunicação e Espetáculo. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Rio de Janeiro: 7/9/2015.